

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Expertise e legitimidade em relações internacionais: o caso dos think tanks progressistas nos Estados Unidos

Laura Pimentel Barbosa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17804>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-17 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

EXPERTISE E LEGITIMIDADE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O CASO DOS THINK TANKS PROGRESSISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

AUTORA, Laura Pimentel Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0310-0384>

<laura.pimentelbarbosa@alumni.usp.br>

Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo (SP), País Brasil.

RESUMO: Este artigo apresenta a proposta e desenho preliminares de uma pesquisa em andamento, desenvolvida a partir de minha tese de doutorado. O objetivo deste artigo é aprofundar uma discussão que foi apresentada na tese a respeito do processo de consolidação dos think tanks de alinhamento Progressista nos Estados Unidos, em especial, os institutos focados na área de relações internacionais e política externa. O que busco entender especificamente é como o setor progressista dos think tanks de política externa combinaram diferentes estratégias e abordagens, e se diferenciaram em termos de legitimação de expertise, público e objetivos. Assim, o objetivo é analisar, a partir do universo dos institutos de relações internacionais, organizações pertencentes à primeira geração institucional e à onda de expansão e politização iniciada nos anos 1970. Ao circular esta versão ainda inicial, busco discutir a proposta e incorporar críticas e sugestões para a continuidade da pesquisa.

Palavras-chave: think tanks, expertise, relações internacionais, regimes de conhecimento, Estados Unidos

EXPERTISE AND LEGITIMACY IN INTERNATIONAL RELATIONS: THE CASE OF PROGRESSIVE THINK TANKS IN THE UNITED STATES

ABSTRACT: This article presents the preliminary proposal and research design of an ongoing study developed from my doctoral dissertation. It further explores a question introduced in the dissertation concerning the consolidation of progressive think tanks in the United States, with particular attention to organizations focused on international relations and foreign policy. More specifically, it examines how progressive foreign policy think tanks combined different strategies and approaches and how they differed in the ways they legitimized their expertise, addressed audiences, and defined their institutional objectives. Drawing on the broader universe of international relations institutes, the study compares organizations associated with the first institutional generation of U.S. think tanks with those that emerged during the wave of expansion and politicization that began in the 1970s. By circulating this work at an early stage, I seek to discuss its research design and incorporate criticism and suggestions into the next stages of the project.

Keywords: think tanks, expertise, international relations, knowledge regimes, United States.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a proposta e desenho preliminares de uma pesquisa em andamento, desenvolvida a partir de minha tese de doutorado. O objetivo deste artigo é aprofundar uma discussão que foi apresentada na tese a respeito do processo de consolidação dos think tanks de alinhamento

Progressista nos Estados Unidos, em especial, os institutos focados na área de relações internacionais e política externa. Ao circular esta versão ainda inicial, busco discutir a proposta e incorporar críticas e sugestões para a continuidade da pesquisa.

Neste artigo, vou me debruçar sobre os institutos voltados para política externa/relações internacionais, alinhados ao Progressismo, de primeira e terceira gerações, ou seja, os criados no início do século XX que estabeleceram o modelo de institutos voltados para o desenvolvimento de análises e propostas políticas no país, e aqueles surgidos a partir dos anos 1970, já inseridos num cenário de engajamento e declaração ideológica (Abelson; Brooks; Hua, 2016, cap. 05; Rich, 2005, cap. 02). Busco situar historicamente e especificar as diferenças entre esses institutos, para entender como combinaram fontes de expertise, compromissos normativos, definiram seus públicos-alvo e, quando possível, identificar suas estratégias de intervenção.

O trabalho está ancorado na contribuição da sociologia política na área de expertise e conhecimento político, em especial, a partir do estudo específico de Thomas Metvetz (Medvetz, 2014). Medvetz investigou os think tanks americanos no espaço social da construção do conhecimento. Em seus estudos sobre think tanks, Medvetz identificou que esses institutos foram ampliando seu repertório de estratégias em busca de influência política.

Essas diferentes estratégias e iniciativas de validação do conhecimento produzido estão diretamente relacionadas com a estrutura político/econômica na qual os think tanks estão inseridos. Nesse sentido, os Think tanks estruturam um Regime de Conhecimento nos Estados Unidos. O conceito de Regimes de Conhecimento foi formulado por John Campbell e Ove Pedersen (2014), para enquadrar a análise das estruturas organizacionais de institutos e centros de pesquisa que desenvolvem ideias/propostas voltadas especificamente para influenciar policymakers e/ou educar públicos específicos. As características e estratégias do conjunto desses institutos variam de acordo com as características políticas, institucionais e econômicas em diferentes países.

O que busco explorar é como o setor progressista desses institutos voltados para política externa combinaram essas estratégias e abordagens, e se diferenciaram em termos de legitimação de expertise, público e objetivos. Isso ajuda a aprofundar tanto nos estudos de regimes de conhecimento, quanto na investigação específica sobre justificativa de autoridade e circulação do conhecimento, especificamente no campo progressista.

Para isso, vou comparar dois institutos de primeira geração: Carnegie Endowment for International Peace e Council on Foreign Relations, de um lado, e Washington Office on Latin America e Council on Hemispheric Affairs, de outro. Para fortalecer a análise, buscarei incluir outros casos de institutos progressistas focados em relações internacionais/política externa: essa inclusão nos ajuda a perceber as possíveis diferenças na justificação de expertise e estratégias argumentativas são focadas em alguns institutos progressistas da área ou em todos, tornando a contribuição mais focada. Proponho uma análise qualitativa de conteúdo para entender como esses institutos reivindicam sua autoridade, o que dizem ser estratégico, seu público-alvo, e como articulam a visão normativa com o pragmatismo que a política externa impõe.

Para a análise desenvolvi um banco de dados criado entre 2020-2023; esse banco de dados com levantamento dos institutos criados entre 1910 e 2023 foi revisado posteriormente, e a classificação foi desenvolvida a partir de uma análise qualitativa dos documentos de fundação e/ou, quando disponíveis, declarações de missão dos institutos. É importante levar em consideração que alguns desses institutos passaram por mudanças em suas propostas de missão/refundações. No banco de dados, classificamos os institutos a partir de seus documentos de fundação quando possível.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, o foco será apresentar a abordagem conceitual e a questão de pesquisa a partir da literatura. A segunda seção será dedicada à reconstituição do cenário dos Think Tanks nos EUA a partir da análise do banco de dados próprio. A terceira seção será dedicada a apresentar e reconstituir o panorama do progressismo nos Estados Unidos a partir das ondas de think tanks. Em seguida, será apresentada a proposta metodológica, os institutos que pretendo analisar, e o que espero avançar.

Em suma, pretendo contribuir com uma compreensão mais pormenorizada sobre o campo dos think tanks dos Estados Unidos, especificamente em relação aos institutos progressistas em termos de suas estratégias e justificações de expertise. No sentido mais amplo, tenho o interesse em contribuir com os estudos sobre a transformação do regime de conhecimento nos Estados Unidos, trabalhando na interseção entre estudo sobre expertise e engajamento político e, no campo das Relações Internacionais, área de minha formação, busco dar ênfase à infraestrutura doméstica que busca definir os problemas e orientar a ação em política externa.

1. REGIME DE CONHECIMENTO DOS ESTADOS UNIDOS: PROGRESSISMO, THINK TANKS E EXPERTISE HÍBRIDA

Este trabalho parte de duas questões amplas que guaram a minha tese de doutorado: como os atores que se dedicam a desenvolver e promover ideias e coalizões ideológicas se organizam? Especificamente nos Estados Unidos da América, quais são os atores e institutos que desenvolvem e propagam ideias políticas e buscam influenciar a agenda política doméstica e a política externa?

Para me ajudar a responder essas questões, segui o caminho proposto por Campbell e Pedersen, que desenvolveram o conceito de Regimes de Conhecimento para definir os conjuntos de institutos e centros que desenvolvem dados, avaliações, pesquisa, recomendações políticas, e outras ações para influenciar o debate especializado, público e a formulação política (Campbell e Pedersen 2014, 03).

Campbell e Pedersen dão ênfase às formas como propostas e ideias políticas são desenvolvidas e propagadas através de um filtro que, por seu turno, é nacionalmente específico, gerando diferentes Regimes de Conhecimento. É preciso enfatizar que os Regimes de Conhecimento não são a mesma coisa que comunidades epistêmicas, que são redes mais ou menos formais de experts, analistas, intelectuais a nível internacional, embora essas redes possam se associar com os Regime de Conhecimento. A grande diferença, nesse caso, é que o Regime de Conhecimento funciona como um “filtro” nacionalmente específico pelo qual as ideias que circulam internacionalmente podem passar e ser adaptadas e distribuídas.¹ Assim, os autores nos convidam a analisar a formação, consolidação, e transformações dos Think Tanks como um sistema coeso, permitido com que investiguemos tendências gerais no decorrer do tempo, e que possamos comparar a evolução desse regime com outros em diferentes países.

Medvetz é um sociólogo político cujo enfoque é na sociologia do conhecimento, Expertise e sistemas de aconselhamento político. O trabalho do autor tem importância central para o objetivo nesta proposta de pesquisa uma vez que ele mostra como a legitimação da expertise por think tanks está ligada com os dilemas da formulação política de modo geral, e que os think tanks avançaram em articular diferentes formas de práticas científicas e reivindicações de legitimidade. Em seu trabalho

¹ Assim, nos Estados Unidos em particular, no que se refere ao regime político, os autores destacam a porosidade dos principais partidos. No que se refere ao regime econômico, o sistema econômico liberal, relativamente aberto e competitivo, se reflete numa cultura de “mercado” também no campo das ideias (Campbell e Pedersen 2014, 39–40). Além disso, destaca-se a cultura filantrópica do país (Zunz 2011), que se estende desde o século XIX e se intensificou durante a Era Progressista, que, por seu turno estimulou a criação desse tipo de instituto por industrialistas e filantropos.

“think Tanks in America” (2014), Mevetz mostra que os think tanks estão num um campo híbrido entre os campos acadêmico, político, econômico e midiático. Mas essa característica híbrida é combinada a depender do tipo de atuação e público que cada instituto pretende atingir.

Essa abordagem também permite compreender a credibilidade não como um atributo único e inerente ao conhecimento produzido, mas como uma conquista que varia, se reconstitui. A partir dessa perspectiva, a comparação entre diferentes gerações de think tanks não deve se limitar à oposição entre organizações “neutras” e “ideológicas”, mas investigar como cada configuração histórica articulou, atribuiu peso e tornou compatíveis diferentes fontes de expertise (Medvetz, 2014, p. 12). Assim, a análise dos repertórios dos think tanks se insere nessa agenda de pesquisa entre economia política, relações internacionais, e sociologia do conhecimento/expertise.

2. O CENÁRIO DOS THINK TANKS NOS ESTADOS UNIDOS

Para fins do trabalho de tese, elaborei uma base de dados própria com base nos principais repositórios e listas de Think Tanks disponíveis online – incluindo o repositório da universidade de Harvard e de outras universidades e centros de pesquisa sobre Think Tanks, de tal modo que nosso levantamento pudesse representar, se não todos, os principais Think Tanks criados desde 1910 a 2020. Na amostra, para evitar distorções, levei em consideração apenas institutos que continuavam ativos na época da coleta de dados. O banco de dados foi revisado em 2025 e conta atualmente com 986 entradas.

Em termos de tipologia de think tanks, usamos McGann, que classifica os institutos em: a) Think Tanks independentes; aqueles não afiliados a nenhum órgão governamental ou partido, são a maioria dos institutos – esses podem ou não ter uma abordagem mais ativista (advocacy) ou acadêmica (universities without students); b) Universitários (university-based); aqueles que estão sediados e/ou associados a universidades, mas podem receber financiamento privado, C) Contract-research; institutos que geralmente tem um cliente e trabalham por contratos, geralmente com órgãos governamentais (a Rand Corporation é um exemplo clássico); d) Think Tanks governamentais, como o Congress Research Service (CRS).²

Em termos ideológicos, Think Tanks podem ser classificados como “Centro”, “progressista”, “conservador”, centro/inclinação progressista” e “centro/inclinação conservador”. Para essa

² Essas classificações são sempre complexas. Alguns institutos podem ser vistos como tendo duas características ao mesmo tempo.

classificação, usamos a abordagem de Rich (2005); operacionalizamos termos e expressões de documentos fundacionais e/ou declarações de missão dos institutos.³ Para fins da análise posterior, os institutos classificados como de “inclinação” para um ou outro espectro ideológico foram considerados como neutros, para reduzir possíveis vieses.

Tabela 1 - termos e expressões

Conservative or libertarian	Center
Limited government/free-market/deregulation	no counter-ideological references
Individual responsibility/individual freedom	no specific theme or positions (ex: to advance ‘American values’)
To promote American leadership in the international stage	
To promote American values (domestically and/or internationally)	
Religious and family values	
Counter-ideological references (ex: ‘against the progressive establishment’)	
Consumer choice	
School choice	
Anti-abortion	
Gun-rights	

Fonte: elaborado pela autora, inspirado em Rich (2005) e Gilroy (2012). Importante: muitas declarações de missão não são fáceis de classificar. A maioria das instituições tende a afirmar a neutralidade como seu princípio orientador.

Um ponto importante a respeito da classificação elaborada é que, em razão da quantidade de think tanks coletados para a base de dados, não foi possível triangular a classificação do material com outras fontes: jornalísticas, entrevistas, relatórios etc. Mas essa lacuna pode ser preenchida para estudos mais focados, como o que proponho a partir deste artigo.

³ Para a análise das declarações de missão, me baseei na abordagem de análise de conteúdo Qualitative Content Analysis (QCA) (Schreier, 2012). A vantagem dessa abordagem, conforme apresentada por Phillip Mayring e Margrit Schreier é a possibilidade de estabelecermos uma análise de conteúdo conforme passos reproduzíveis, transparentes, mas com a flexibilidade suficiente para explorarmos o material e desenvolvermos reflexões a partir dele. Para este capítulo, organizei os códigos a partir da leitura do material, num processo chamado de “codificação indutiva” (Mayring, 2014). A unidade de análise são as declarações de missão ou documentos fundacionais dos institutos.

Em termos de cronologia, nos inspiramos em Abelson (2006, p. 49–92) e McGann (2007, p. 27), mas com adaptações próprias⁴: 1ª onda: progressismo e consolidação da expertise (1910-1945); 2ª onda: fortalecimento das capacidades estatais (1946-1970)- da guerra fria à ‘Grande Sociedade’; 3ª onda (1970-1990); “guerra de ideias” e ativismos; 4ª onda (1990-2008): globalização; 5ª onda (2009-2022): guerra de ideias liberal/progressista- no caso, essa quinta onda ainda não foi explorada em meu banco de dados, mas apresento algumas análises preliminares.

Para o banco de dados, coletei as seguintes variáveis para cada unidade: data de fundação, sede, área de concentração (Relações Internacionais; Educação; Políticas Públicas; Economia; Meio-Ambiente; Assessoria Jurídica; Filantropia/Projetos filantrópicos; Governança). E por tipo (university based, independente, contract research, governamental).

É a partir dessas definições e classificações que organizei os think tanks em gerações, verifiquei as mudanças nas composições temáticas dos institutos por onda e classificação ideológica, e selecionei os casos a serem investigamos.

A partir da análise do banco de dados, levando em consideração a quantidade de institutos por área e onda cronológica de proliferação, vemos que Relações Internacionais ocupa uma posição de destaque, com 173 institutos registrados, seguida de Educação, Cultura e Artes, com 162.

A partir da análise do banco de dados, levando em consideração a quantidade de institutos por área e onda cronológica de proliferação, vemos que Relações Internacionais ocupa uma posição de destaque, com 173 institutos registrados, seguida de Educação, Cultura e Artes, com 162.

⁴ McGann organiza o crescimento desses institutos em 7 períodos. Por seu turno, Abelson (2006, p. 49–91) trabalha com 4 categorias, mais amplas, e sua análise vai até 2004. Nós analisamos e consideramos que 5 ondas marcam a proliferação de institutos, é a partir dessa abordagem que seguimos nossa análise da distribuição geográfica e temáticas nas quais os institutos se concentram a cada onda.

Tabela. Quantidade de institutos por área de atuação e onda

Área de atuação	1ª onda 1910–1945	2ª onda 1946–1970	3ª onda 1971–1990	4ª onda 1991–2008	5ª onda 2009–2022	Total
Assessoria Jurídica	0	0	14	6	4	24
Economia	9	10	37	31	22	109
Educação, Cultura e Artes	8	28	44	58	24	162
Filantropia	0	3	2	5	2	12
Governança	2	2	14	24	12	54
Meio Ambiente	2	15	29	23	21	90
Políticas Públicas	27	71	132	147	65	442
Relações Internacionais	15	26	56	52	24	173
Total de instituições na onda	59	144	302	308	160	973

fonte: elaborado pela autora com ajuda de inteligência artificial na leitura do banco de dados. Importante: As áreas não são mutuamente excludentes: 89 institutos possuem duas áreas de atuação e dois possuem três. Por isso, a soma das áreas é superior ao total de instituições de cada onda. A quinta onda é mais curta e termina em 2022; portanto, sua redução em números absolutos não deve ser interpretada automaticamente como retração institucional.

Tabela. Composição ideológica de cada área

Área	Progressista	Centro / incl. progressista	Centro	Centro / incl. conservadora	Conservador
Assessoria Jurídica	25,0%	4,2%	8,3%	0,0%	62,5%
Economia	14,7%	1,8%	50,5%	0,9%	32,1%
Educação, Cultura e Artes	3,1%	1,9%	63,0%	1,9%	30,2%
Filantropia	16,7%	0,0%	25,0%	0,0%	58,3%
Governança	18,5%	5,6%	68,5%	0,0%	7,4%
Meio Ambiente	30,0%	8,9%	56,7%	0,0%	4,4%
Políticas Públicas	16,3%	5,9%	46,2%	0,2%	31,4%
Relações Internacionais	7,5%	2,3%	80,9%	0,6%	8,7%

fonte: elaborado pela autora com ajuda de inteligência artificial na leitura do banco de dados.

Em termos de institutos por orientação ideológica, vemos que a maioria dos institutos com orientação progressista são focados em meio ambiente, enquanto economia, filantropia e especialmente assessoria jurídica se destacam entre conservadores (para maior elaboração sobre isso, ver: Barbosa 2023, cap. 04). Enquanto relações internacionais é a área mais centrista – o que confirma os resultados da análise de Rich, 2006. Mas isso não indica ausência de inclinação ideológica, que pode ser explorada com maior cuidado.

PROGRESSISMO E THINK TANKS NOS ESTADOS UNIDOS

O movimento Progressista dos Estados Unidos começa a se organizar ao final do século XIX, e se desenvolveu a partir de demandas rurais e urbanas por reformas do Estado a fim de torná-lo mais eficiente na prestação de serviços públicos, combate à corrupção, regulação econômica, além da defesa de legislações trabalhistas que garantissem mais direitos aos trabalhadores das fábricas e ferrovias (Flanagan, 2006, cap. 01; Hofstadter, 1960, p. 52).

O termo “Progressismo” surgiu justamente na Inglaterra em 1896, quando foi criada a *Progressive Review*, que buscava promover propostas de reformas urbanas e políticas, e, em especial informar o Partido Liberal inglês sobre qual deveria ser o posicionamento de seus membros, numa postura mais favorável a ideias socialistas e aos direitos dos trabalhadores (Powell, 1986). Nos anos seguintes, o movimento progressista foi impulsionado por demandas por reforma diferentes grupos sociais.

Uma referência que avançou a formulação do progressismo como uma ideologia mais coesa foram o filósofo americano John Dewey e a ativista Jane Adams. Dewey avançou a abordagem Pragmatista na filosofia, em que a ideia principal era que entender o mundo passa pela ação direta sobre esse mundo. A ideia então seria que a partir da ação prática, os indivíduos podem realizar seu potencial. Nesse sentido, a experimentação inspirada nos avanços da ciência se tornou especialmente marcante nos movimentos reformistas que seriam conhecidos como progressistas (Fahy, 2003). Outras referências importantes que ajudaram a consolidar o movimento progressista foram: Herbert Croly, que ganhou proeminência com a publicação de *The Promise of American Life* (1909), livro no qual justificou a necessidade de um governo nacional forte, com capacidade para combater interesses organizados e privilégios (Croly, 1909); e Walter Lippman que defendia ampliar as capacidades estatais para implementar reformas sociais e regulação econômica. Além disso, Lippman representa um aspecto importante do movimento progressista: a busca pela expertise e confiança nos experts como gerenciadores de reformas.

A princípio, essa proposta parece incompatível com busca tão cara aos progressistas por ampliar a democracia, mas, para esses reformistas, a ciência teria um caráter semelhante à democracia na medida em que é baseada em experimentação, não em dogmas, assim como a democracia, ou seja, a ciência seria uma força libertadora e democrática. É justamente a partir dessa confiança na expertise, e na fragilidade dos governos locais, que começa a primeira onda de Think Tanks, quando reformistas progressistas de diversos setores e buscaram estabelecer fundações e think tanks: a ideia de que esses institutos preencheriam um vão tanto governamental quanto acadêmico (Gross, 2013; Smith, 1991).

Por seu turno, o internacionalismo de Woodrow Wilson, declaradamente inspirado em ideias progressistas (Cochran; Navari, 2018), marcou um ponto de virada para a política externa norte-americana, Wilson representou os anseios reformistas de caráter liberal por uma reforma profunda na sociedade internacional – reformas que, por seu turno, haveriam de ser implementadas décadas depois com profundo envolvimento norte americano (Nye, 2020, p. 04–05).

A crise de 1929, e a depressão que se seguiu, promoveram uma renovação no movimento progressista. Os vários programas e agências governamentais criados durante o New Deal geraram mais demanda por análises acadêmicas politicamente orientadas, as quais os Think Tanks estavam particularmente aptos a oferecer (Su, 2016). Em suma, o movimento progressista da primeira metade do século XX passou por ascensão, desarticulação após a Primeira Guerra Mundial, e se renovou com o New Deal.

Institutos da primeira onda de think tanks (1910-1945) são caracterizados pelo financiamento de grandes filantropos e empresarial, e concentram-se em promover expertise para auxiliar projetos de reforma urbana e governamental, e destacam-se os institutos de caráter internacionalistas, voltados a “organizar” a sociedade internacional. Dentre eles, Carnegie Endowment for International Peace (1910); World peace foundation (1910); Carnegie Council for Ethics in International Affairs (1914); Brookings Institute (1916 – embora tenha começado com o enfoque em questões fiscais e econômicas domésticas, teve como um de seus objetivos fundacionais a constituição de um sistema internacional aberto, e cooperativo (Brookings Institution, 2007; Critchlow, 1985); Foreign Policy Association (1918), Hoover Institution (1919) e Council of Foreign Relations (1921).

Na segunda fase de proliferação de Think Tanks (1946-1970), ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos adquiriram um novo status no cenário internacional; nesse cenário, o movimento progressista começa a se articular com as demandas de minorias, especialmente o movimento pelos Direitos Civis. Essa é uma renovação progressista, que passa de “adaptar” minorias

e ser reticente em relação à população negra para uma interlocução maior com essas demandas. Nos anos 1960, Lyndon Johnson propôs um conjunto de propostas legislativas e reformas tão amplas quanto o próprio New Deal, um projeto que ele denominou como “Grande Sociedade”, e do qual um dos principais objetivos era a “guerra à pobreza”. Nesse cenário, “The universities, the academies, the think tanks, . . . had a sense that there were important problems to which there could be solutions, that resources could be applied to them, that they were capable of being handled” (Woods, 2016, p. 58–59). Para auxiliar naquele projeto, foi criada a Urban Institute em 1968, cuja missão era: “to bridge the gulf between the lonely scholar in search of truth and the decision-maker in search of progress.” (Urban Institute, 2015).

A terceira fase de propagação dos think tanks (1971-1990) apresenta a pluralização de foco temático dos institutos progressistas: justiça econômica, articulando propostas de maior intervenção estatal na economia, novos ativismos (feminista e LGBT) e ambientalismo são importantes. No âmbito de relações internacionais e política externa, os institutos progressistas relacionados ao tema refletem a crise de legitimidade pós-guerra do Vietnã. Nesse período, são criados os principais institutos declaradamente progressistas dedicados ao tema: o Washington Office on Latin America (WOLA) em 1974, e a Council on Hemispheric Affairs (COHA, 1975).

A quarta onda (1991-2008) foi um período de redefinição da agenda progressista. Por um breve período, de meados da década de 1980 a meados da década de 1990, alguns líderes democratas sentiram que o partido precisava reformular sua imagem. Para esses líderes e ativistas, o progressismo havia se tornado muito associado a demandas de minorias e a políticas redistributivas consideradas muito “radicais” para o eleitor médio. Nesse espírito, foi criado o Progressive Policy Institute, que continua sendo um importante espaço para democratas críticos ao progressismo articularem suas ideias.

Destaco a criação do Roosevelt Institute, um Think Tank dedicado a reavivar as ideias e o legado de Franklin Delano Roosevelt, focado em combater o poder corporativo na política, e avançar outras políticas econômicas progressistas. Outro instituto relevante é o Economic Opportunity Institute, que se diz dedicado a combater os interesses corporativos e criar uma economia justa.

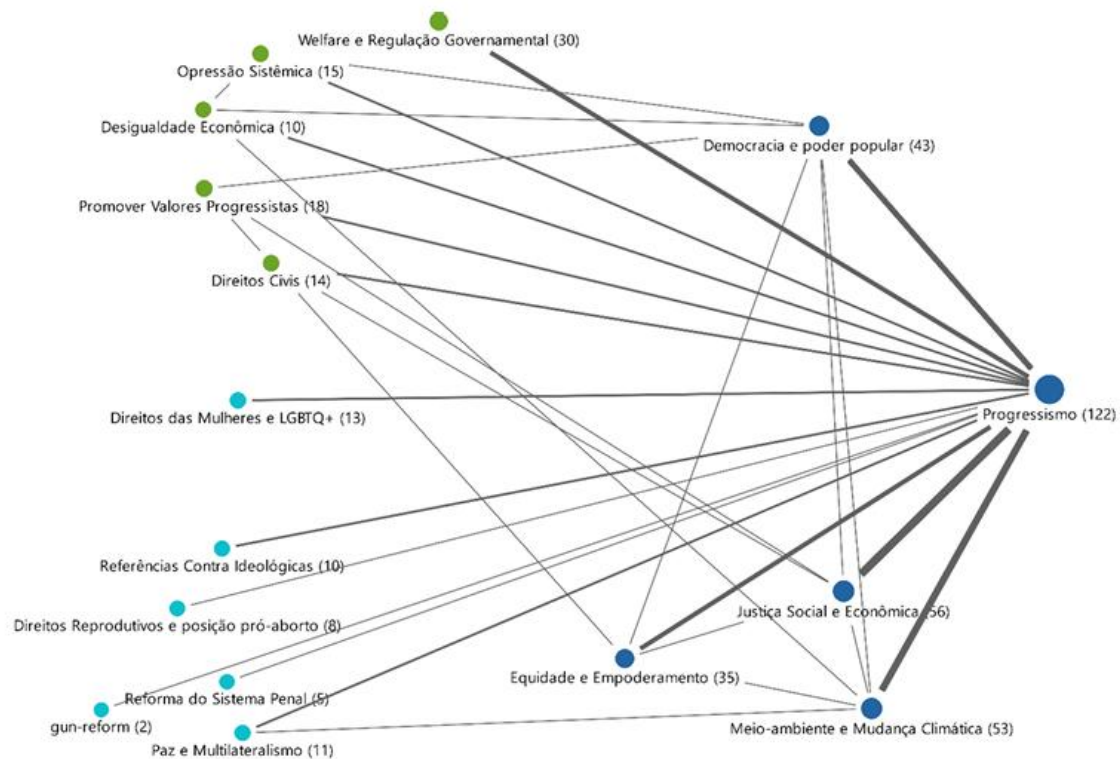
Por seu turno, a quinta onda aparece com institutos que reforçam o compromisso com a temática ambiental, as pautas feministas continuaram a ser importantes temas dos institutos criados, refletindo a importância da defesa do direito ao aborto no campo progressista; institutos como Center for Reproductive Rights (1992), e o Heinrich-Böll-Stiftung (1993) são destaques.

Novos institutos progressistas dedicados à economia também são destaque nesse período, refletindo tanto as disputas com os novos Democratas quanto com o discurso conservador que reverberava desde a década de 1980. Em 2000, foi criado o Initiative for Policy Dialogue, inspirado em perspectivas heterodoxas em economia, e propor novas ideias de política econômica voltadas para promover a democracia, a igualdade, e o desenvolvimento sustentável. Em 2009, foi criado o Institute for New Economic Thinking, com uma proposta semelhante ao Institute for Policy Dialogue: desafiar as perspectivas *mainstream* na economia. A crise de 2008 gerou tensões que se refletiram nos institutos criados – infelizmente, não há espaço aqui para elaborar esse ponto, mas cabe dizer que novos progressistas e o movimento Socialista Democrata vem na esteira dessa tendência ativista mais polarizada.

O instituto Center for American Progress (2003) tornou-se especialmente importante nesse processo de retomar a história que consideram de sucesso do movimento progressista. Criado em oposição ao PPI, os seus fundadores buscaram ser, para o partido Democrata, o que a Heritage Foundation se tornou para o partido Republicano nos anos 1980, uma “fábrica de ideias” e de novos líderes (Dreyfuss, 2004; Libit, 2008).

A partir de uma análise qualitativa de conteúdo das declarações de missão, pude sistematizar e visualizar as principais temáticas abordadas por esses institutos.

Figura 1. Mapa de códigos para institutos Progressistas para o conjunto dos períodos



Fonte: elaborado pela autora com base no MaxMaps, recurso do software do MAXQDA usado na análise qualitativa do material

Os sub-temas (que aqui chamamos de subcódigos) identificados surgiram a partir da leitura do material (declarações de missão e valores). A figura acima ilustra as principais correlações entre o código-chave (Progressismo), e subcódigos (identificados na codificação aberta, a partir da leitura do material) – a espessura das linhas indica a intensidade, em termos de frequência, dessas correlações.

Tabela. Institutos progressistas por área e onda

Área de atuação	1ª onda 1910– 1945	2ª onda 1946– 1970	3ª onda 1971– 1990	4ª onda 1991– 2008	5ª onda 2009– 2022	Total
Políticas Públicas	5	12	20	25	10	72
Meio Ambiente	0	0	7	13	7	27
Economia	0	0	5	7	4	16
Relações Internacionais	1	1	5	6	0	13
Governança	0	0	1	7	2	10
Assessoria Jurídica	0	0	5	1	0	6
Educação, Cultura e Artes	0	1	2	2	0	5
Filantropia	0	0	0	1	1	2
Total de institutos marcadamente progressistas na onda	5	13	40	53	22	133

fonte: elaborado pela autora com ajuda de inteligência artificial na leitura do banco de dados. As categorias de atuação são multirresposta: 18 institutos progressistas estão classificados em duas áreas. Por isso, a soma das células temáticas é 151, embora existam 133 instituições classificadas como progressistas.

Tabela. Composição temática dos institutos progressistas dentro de cada onda

Área	1ª onda	2ª onda	3ª onda	4ª onda	5ª onda
Políticas Públicas	100,0%	92,3%	50,0%	47,2%	45,5%
Meio Ambiente	0,0%	0,0%	17,5%	24,5%	31,8%
Economia	0,0%	0,0%	12,5%	13,2%	18,2%
Relações Internacionais	20,0%	7,7%	12,5%	11,3%	0,0%
Governança	0,0%	0,0%	2,5%	13,2%	9,1%
Assessoria Jurídica	0,0%	0,0%	12,5%	1,9%	0,0%
Educação, Cultura e Artes	0,0%	7,7%	5,0%	3,8%	0,0%
Filantropia	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%	4,5%

fonte: elaborado pela autora com ajuda de inteligência artificial na leitura do banco de dados. Como há instituições multitemáticas, as porcentagens de uma coluna podem ultrapassar 100%.

A distribuição temática dos institutos progressistas indica que sua expansão foi acompanhada por um processo de diversificação. Especialmente a partir dos anos 1970, quando os temas de meio ambiente e relações internacionais ganham destaque. Relações Internacionais continua limitado, o que é interessante e condiz com a observação de Rich de que os institutos de relações internacionais são particularmente difíceis segundo os critérios de codificação que ele desenvolveu e eu adaptei (Rich, 2005, p. 36).

Talvez isso ocorra porque os think tanks de política externa podem realmente se ajustar com menos facilidade às categorias ideológicas convencionais construídas a partir da política doméstica que

baseiam os códigos desenvolvidos – mas isso só reforça a importância de estudos pormenorizados, e a triangulação com literatura secundária, história institucional e outros documentos.

EXPERTISE E LEGITIMIDADE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O CASO DOS INSTITUTOS PROGRESSISTAS

A literatura sobre think tanks e regime de conhecimento norte-americano identifica, a partir dos anos 1960 e 1970, uma transformação marcada pela expansão de organizações mais ideologicamente identificáveis, orientadas à promoção de ideias e diretamente envolvidas nas disputas políticas. Essa periodização, não explora muito as formas específicas pelas quais diferentes segmentos do campo procuraram compatibilizar engajamento normativo e autoridade especializada – a proposta aqui é explorar esse ponto.

Para analistas de Relações Internacionais em particular, a relevância desse estudo se justifica por conta da pouca atenção dada aos institutos de inclinação progressista na literatura – ver (Barbosa, 2025), e pelo fato já estabelecido no campo da Análise de Política Externa (FPA, na sigla em inglês) que a política externa também depende de infraestruturas domésticas de conhecimento, embora em que medida ainda seja uma questão relevante. Por isso, a pergunta de entender como organizações de primeira e terceira geração de think tanks voltados para relações internacionais, buscam justificar sua expertise e sua atuação importa.

Assim, o objetivo é analisar, a partir do universo dos institutos de relações internacionais, organizações pertencentes à primeira geração institucional e à onda de expansão e politização iniciada nos anos 1970. Para evitar seleção arbitrária, na amostra são incluídas todas as organizações independentes de relações internacionais fundadas entre 1971 e 1985, classificadas como progressistas distinguir um possível efeito ideológico de um efeito geral de período, uma vez que já sabemos que os anos 1970 são um período de politização do cenário dos think tanks.

Em termos de institutos por orientação ideológica, vemos que a maioria dos institutos com orientação progressista são focados em meio ambiente, enquanto economia, filantropia e e especialmente assessoria jurídica se destacam entre conservadores (para maior elaboração sobre isso, ver: Barbosa 2023, cap. 04). Enquanto relações internacionais é a área mais centrista – o que confirma os resultados da análise de Rich, 2006. Mas isso não indica ausência de inclinação ideológica, que pode ser explorada com maior cuidado, e é essa lacuna que que busco preencher.

Para analistas de Relações Internacionais em particular, a relevância desse estudo se justifica por conta da pouca atenção dada aos institutos de inclinação progressista na literatura – ver (Barbosa, 2025), e pelo fato já estabelecido no campo da Análise de Política Externa (FPA, na sigla em inglês) que a política externa também depende de infraestruturas domésticas de conhecimento, embora em que medida ainda seja uma questão relevante. Por isso, a pergunta de entender como organizações de primeira e terceira geração de think tanks voltados para relações internacionais, buscam justificar sua expertise e sua atuação importa.

Assim, o objetivo é analisar, a partir do universo dos institutos de relações internacionais, organizações pertencentes à primeira geração institucional e à onda de expansão e politização iniciada nos anos 1970. Para evitar seleção arbitrária, na amostra são incluídas todas as organizações independentes de relações internacionais fundadas entre 1971 e 1985, classificadas como progressistas distinguir um possível efeito ideológico de um efeito geral de período, uma vez que já sabemos que os anos 1970 são um período de politização do cenário dos think tanks.

Para a comparação, vamos analisar o material dos seguintes institutos progressistas de relações internacionais de terceira geração: Arms Control Association (1971); Washington Office on Latin America — WOLA (1974); Worldwatch Institute (1974); Center for International Policy — CIP (1975); Council on Hemispheric Affairs — COHA (1975) e Lawyers Committee on Nuclear Policy — LCNP (1974). Para os institutos de relações internacionais de primeira geração, os casos principais são: Carnegie Endowment for International Peace (1910); World Peace Foundation (1910); Carnegie Council for Ethics in International Affairs (1914); Brookings Institute (origem institucional em 1916; configuração atual em 1927).

No caso da primeira onda, tem um caso específico que merece atenção, o Hoover Institution for War, Revolution and Peace, que foi criado em 1919 como uma biblioteca, evoluiu para centro de pesquisa, e foi reformulado nos anos 1960 após ter sido estabelecido como instituição independente em Stanford. Por isso, vamos deixar esse caso de lado, pois a reformulação do instituto dificultaria a delimitação do repertório e comparação com os outros casos da primeira onda.

4.1. Resultados preliminares

De modo geral, ainda não tenho resultados substantivos para apresentar. O meu objetivo com esta submissão é apresentar a proposta do artigo, o desenho, e casos. A proposta é explorar a questão das formas plurais de credibilidade e legitimidade da expertise entre os think tanks, conforme observado por Medvetz e Abelson. Desse modo, ao especificar os institutos focados na área de

relações internacionais e política externa no regime de conhecimento dos Estados Unidos, podemos avançar na compreensão desse campo específico do regime de conhecimento do país, campo que como pudemos explorar na análise preliminar a partir do banco de dados, é robusto, porém difícil de classificar ideologicamente.

O universo de referência para seleção é composto pelos think tanks norte-americanos classificados no banco da pesquisa como atuantes em relações internacionais. Desse conjunto, o artigo focaliza organizações pertencentes à primeira geração institucional e à onda de expansão e politização iniciada nos anos 1970.

Também observamos que os institutos de primeira geração, que ainda permanecem ativos, foram fundados com o objetivo de educar o público, articulam o compromisso baseado em expertise técnica, e pronunciam o ideal de universalismo. Por seu turno, institutos posteriores, como WOLA e COHA se mostram mais politizados, enfocam críticas contundentes à política externa norte-americana, e tendem a buscar maior articulação com populações afetadas do que com elites e educação do público interessado (que tende a ser um público mais elitizado).

Esperamos codificar o material a partir das seguintes dimensões:

Tabela: Guia de codificação

Dimensão	Códigos possíveis
Fonte de autoridade	expertise, ciência, experiência, independência, objetividade, representação social
Neutralidade institucional	nonpartisan, independent, objective, unbiased, nonpolitical
Universalismo liberal	paz, cooperação, entendimento internacional, diálogo, ordem internacional
Compromissos normativos	direitos humanos, democracia, justiça, igualdade, solidariedade
Repertório de atuação	pesquisa, educação, aconselhamento, advocacy, mobilização, pressão política
Públicos e parceiros	policymakers, especialistas, opinião pública, organizações civis, movimentos, comunidades
Transformação	informar decisões, melhorar políticas, defender direitos, produzir mudança social

fonte: elaborado pela autora com auxílio do recurso de inteligência artificial do MAXQDA a partir do material levantado

A ideia é incluir na análise todos os think tanks classificados como ideológicos na terceira fase e os principais think tanks da primeira fase de proliferação dos institutos, de modo a evitar vieses por tendências cronológicas. A referência é o banco de dados que já elaborei no período de pesquisa da tese de doutorado. Talvez, a maioria dos think tanks, mesmo mais alinhados com ideais progressistas, sejam ainda compromissados com expertise técnica e universalismo, e apenas alguns sejam focados em estratégias diferenciadas de atuação e legitimação.

Seguindo a abordagem metodológica que já realizei, a proposta agora é refinar a seleção dos documentos a serem codificados, realizar uma codificação-piloto do material por meio do MAXQDA, o que me permitiria revisar os códigos (Mayring, 2014; Schreier, 2012). A segunda fase será dedicada à codificação do corpus e, a partir disso, vou realizar a análise propriamente dita com base nos trechos, matrizes, e tabelas que posso desenvolver. Em suma, a proposta não é voltada para algum teste de hipótese – isso não seria possível tendo em vista o caráter do estudo. A análise atual reformula o problema, deslocando a atenção do conteúdo ideológico das missões para os repertórios por meio dos quais as organizações reivindicam autoridade e legitimidade pública.

Tabela – Fases da análise

Tarefa
fechar pergunta, argumento, casos e código inicial
localizar, salvar e organizar de 20 a 30 documentos
codificação-piloto e revisão dos códigos
codificar o corpus
gerar matrizes, recuperar trechos e montar uma tabela comparativa
escrever metodologia e contexto histórico
escrever análise da primeira geração
escrever análise da segunda geração
escrever comparação e argumento central
escrever introdução e conclusão
cortar repetições, revisar evidências e formatar

Fonte: elaborado pela autora

A tese utilizou as declarações de missão tanto como apoio à classificação ideológica quanto como material exploratório para a identificação de temas associados aos movimentos progressista e

conservador. Para o artigo, a proposta é usar banco de dados como base para a seleção das organizações. A orientação dos casos será reverificada por meio de fontes históricas e literatura secundária independentes dos documentos codificados. A análise textual, por sua vez, não procura comparar os repertórios pelos quais as organizações reivindicam autoridade e legitimidade pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ressaltado algumas vezes neste artigo, a proposta está em desenvolvimento. O trabalho proposto se baseia no mapeamento desenvolvido na minha tese de doutorado (Barbosa, 2023), onde desenvolvi um banco de dados a partir do qual realizei um mapeamento exploratório das áreas de atuação, distribuição geográfica e análise relacional entre temas/tipos de instituto/alinhamento ideológico.

Para a classificação dos institutos em espectros ideológicos, me baseei na abordagem de Rich e Gilroy (Gilroy, 2012; Rich, 2005) e refinei os critérios a partir da literatura e fontes jornalísticas. Assim, consegui explorar os processos de diferenciação dos institutos ideologicamente orientados por área de atuação e distribuição regional. Nos capítulos específicos sobre os movimentos progressista e conservador/libertário⁵ A proposta agora é mais específica: observar mudanças substantivas no campo da legitimação e atuação dos institutos focados em elações internacionais do campo progressista.

Essa exploração vai nos ajudar a entender melhor o campo progressista e de relações internacionais, uma vez que temos relativamente poucos trabalhos com esse enfoque.

MATERIAIS SUPLEMENTARES

Este artigo utiliza uma base de dados original sobre think tanks nos Estados Unidos, construída no âmbito de pesquisa anterior e posteriormente revisada e ampliada. Para este artigo, são utilizadas informações referentes ao subconjunto de organizações dedicadas às relações internacionais e à política externa, complementadas por pesquisa documental sobre os casos selecionados. A base permanece em processo de revisão e exploração analítica e, por essa razão, não está disponibilizada publicamente nesta etapa da pesquisa.

⁵ Importante ressaltar que o conservadorismo e o libertarianismo são movimentos com discordâncias profundas, e que a escolha por analisá-los juntos se dá pela coalizão política entre esses movimentos político-ideológicos em parte do século XX. No século XXI, essa coalizão se mostra muito mais fragilizada (Babcock, 2014; Brennan, 2012, 2007; Carey, 2004)

REFERÊNCIAS

ABELSON, Donald. Think Tanks American Style. *In*: ABELSON, Donald; BROOKS, Stephen; HUA, Xin (Orgs.). **Think Tanks, Foreign Policy and Geo-Politics: Pathways to Influence**. 1st edition ed. [S.l.]: Routledge, 2016.

ABELSON, Donald; BROOKS, Stephen; HUA, Xin (ORGS.). **Think Tanks, Foreign Policy and Geo-Politics: Pathways to Influence**. [S.l.]: Routledge, 2016.

ABELSON, Donald E. **Capitol Idea: Think Tanks and U.S. Foreign Policy**. [S.l.]: McGill-Queen's University Press, 2006.

BABCOCK, Grant. **Against Fusionism: Why Libertarianism Should Extricate Itself from Conservative Entanglements** | **Libertarianism.org**. Disponível em: <<https://www.libertarianism.org/columns/fusionism-why-libertarianism-should-extricate-itself-conservative-entanglements>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BARBOSA, Laura Pimentel. **A polarização do Regime de Conhecimento norte-americano: uma análise a partir dos Think Tanks Conservadores e Progressistas**. tese de doutorado—*São Paulo, SP, Brasil*. Universidade de São Paulo, 14 nov. 2023.

BARBOSA, Laura Pimentel. The Perspectives of Conservative American Think Tanks on U.S. Leadership for Latin America and the Administration of Donald Trump. **Contexto Internacional**, v. 47, p. e20240007, 2025.

BRENNAN, Jason. **Libertarianism: What Everyone Needs to Know®**. 1st edição ed. [S.l.]: Oxford University Press, 2012.

BRENNAN, Mary C. **Turning Right in the Sixties: The Conservative Capture of the GOP**. New edition ed. [S.l.]: University of North Carolina Press, 2007.

BROOKINGS INSTITUTION. **War and Readjustment**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070712105725/http://www.brookings.edu/lib/war.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2026.

CAMPBELL, John; PEDERSEN, Ove. **The National Origins of Policy Ideas**. [S.l.]: Princeton University Press, 2014.

CAREY, George W. **Freedom and Virtue: The Conservative/ Libertarian Debate**. 1st edition ed. [S.l.]: Intercollegiate Studies Institute, 2004.

COCHRAN, Molly; NAVARI, Cornelia (ORGS.). **Progressivism and Us Foreign Policy Between the World Wars**. Softcover Reprint of the Original 1st 2017 ed. edição ed. Place of publication not identified: Palgrave MacMillan, 2018.

CRITCHLOW, Donald. **The Brookings Institution, 1916–1952: Expertise and the Public Interest in a Democratic Society**. DeKalb: Northern Illinois University Press, 1985.

CROLY, Herbert David. **The Promise of American Life**. [S.l.]: Macmillan, 1909.

DREYFUSS, Bob. An Idea Factory for the Democrats. **The Nation**, 2004. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/archive/idea-factory-democrats/>>, Acesso em: 01 de julho de 2023.

FAHY, Gregory M. John Dewey's Liberalism: Individual, Community, and Self-Development (review). **The Journal of Speculative Philosophy**, v. 17, n. 2, p. 136–138, 2003.

FLANAGAN, Maureen A. **America Reformed: Progressives and Progressivisms, 1890s-1920s**. New York: Oxford University Press, 2006.

GILROY, Patrick. Have Think Tanks in Washington D.C. Become Politicized? p. 1, 2012.

GROSS, Neil. **Why Are Professors Liberal and Why Do Conservatives Care?** [S.l.]: Harvard University Press, 2013.

HILTON, Adam. **True Blues: The Contentious Transformation of the Democratic Party**. [S.l.]: University of Pennsylvania Press, 2021.

HOFSTADTER, Richard. **The Age of Reform: From Bryan to f.d.r.** New York: Vintage, 1960.

KINGDON, John. **Agendas, Alternatives, and Public Policies**. 2. ed. Boston Munich: Pearson, 2011.

LIBIT, Daniel. **Podesta nonprofit to take center stage**. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2008/11/podesta-nonprofit-to-take-center-stage-015705>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution**. Klagenfurt: [S.n.].

MCGANN, James G. (ORG.). **Think Tanks and Policy Advice in the US: Academics, Advisors and Advocates**. 1st edition ed. [S.l.]: Routledge, 2007.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Illustrated edição ed. Chicago, Ill.: University of Chicago Press, 2014.

NYE, Joseph S. **Do Morals Matter?: Presidents and Foreign Policy from FDR to Trump**. New York, NY: Oxford University Press, 2020.

POWELL, David. The New Liberalism and the Rise of Labour, 1886-1906. **The Historical Journal**, v. 29, n. 2, p. 369–393, 1986.

RICH, Andrew. **Think Tanks, Public Policy, and the Politics of Expertise**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SABATIER, Paul; WEIBLE, Christopher. The Advocacy Coalition Framework. *In: Theories of the Policy Process, Second Edition*. 2. ed. New York: Routledge, 2019.

SCHREIER, Margrit. **Qualitative Content Analysis in Practice**. 1ª edição ed. [S.L.]: SAGE Publications Ltd, 2012.

SMITH, James Allen. **The Idea Brokers: Think Tanks and the Rise of the New Policy Elite**. Edição: Reprint ed. New York: Free Press, 1991.

SU, Jiangli. Think Tanks in the United States: The Evolution and Evolving Roles. **Sociology Study**, v. 6, n. 3, p. 176–185, mar. 2016.

URBAN INSTITUTE. **Fifty years after LBJ's Great Society, Urban Institute looks forward**. Disponível em: <<https://www.urban.org/urban-wire/fifty-years-after-lbjs-great-society-urban-institute-looks-forward>>. Acesso em: 5 ago. 2023.

WOODS, Randall B. **Prisoners of Hope: Lyndon B. Johnson, the Great Society, and the Limits of Liberalism**. 1ª edição ed. New York: Basic Books, 2016.

ZUNZ, Olivier. **Philanthropy in America**. [S.L.]: Princeton University Press, 2011.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi desenvolvido durante a vigência de bolsa do Programa de Formação em Gestão Acadêmica de Projetos de Pesquisa (FGA/USP) edital 2/2024, da Universidade de São Paulo. A construção original da base de dados utilizada nesta pesquisa foi realizada no âmbito de pesquisa de doutorado realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), processo nº 88887.342356/2019-00.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIA: Laura Pimentel Barbosa é doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2023). Desenvolve pesquisa nas áreas de think tanks, expertise e política externa, com foco nos Estados Unidos. Atua também como gerente de projetos acadêmicos e de relações institucionais.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Inteligência artificial foi utilizada para a elaboração de tabelas a partir da base de dados desenvolvida pela autora. Também houve uso de IA para revisão gramatical em seções específicas.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.